

## MÁRIO, O FUTEBOL E UM POEMA ESQUECIDO

Marcos Antonio de Moraes\*

*“É impossível fazer poesia no Brasil sem falar em foot-ball”.*

(Manuel Bandeira, “Variações sobre o nome Mário de Andrade”. *América Brasileira*, 1923).

Domingo burguês e o refrão enfatiado de Mário de Andrade: - *“Futilidade, civilização...”*. “Domingo”, poema de *Paulicéia desvairada*, é uma irônica e melancólica dança de ombros pelas ambigüidades que povoam o descanso semanal da cosmopolita/provinciana São Paulo dos anos 20. Poema de bocejos, olhares e desejos. Domingo de missa, de passeios snobs em automóveis fechados e de futebol. Dia de tédio para o poeta. Ainda não emergiu no poema o ódio vermelho, fecundo e cíclico que atingirá o homem *“cauteloso pouco-a-pouco”* na virulenta e encegueda *“Ode ao burguês”*. Por enquanto, delineia-se no poema o domingo moderno e modernista, contraste lúdico entre a empolgação ilusória e a realidade *blasée*.

*Hoje quem joga? ... O Paulistano.  
Para o Jardim América das rosas e dos ponta-pés!*

\* Participante da Equipe Mário de Andrade - do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Pós-graduando da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

*Friedenrich fez goal! Corner! Que juiz!  
Gostar de Bianco? Adoro. Qual Bartô ...  
E o meu xará maravilhoso ...!  
- Futilidade, civilização ...<sup>1</sup>*

Neste momento, o futebol é utilizado negativamente na elaboração imagética, mostrando a frivolidade do esporte e da torcida; em uma outra situação, entretanto, Mário verá o esporte sob outro ângulo. Com o intuito de divulgar a música polifônica do Coral Paulistano e Madrigalista do Departamento de Cultura, o escritor redige, em 1936, um folheto de apresentação e cria a inusitada imagem do “jogo polifônico do futebol”. Embora o texto não seja assinado, coincidências de estilo e do pensamento de Mário de Andrade evidenciam a possibilidade da autoria. No programa, valoriza-se a coreografia e a unidade do time, naquela conjugação/combinção que leva o time à vitória. O autor não nega ao indivíduo o mérito pessoal, mas insiste na ação socializante do grupo. Analogia ao solista e ao coral: “*a letra, o bonito que um jogador faz sozinho é como a melodia solista, ao passo que a combinação dos onze jogadores é como a música polifônica.*”<sup>2</sup> Aponta, assim, no futebol, aquilo que lhe confere o caráter positivo: “*Quem já não se apaixonou por um jogo de futebol?*”

O futebol beneficia-se com a liberdade temática conquistada pelos modernistas e adentra as traves da literatura marcando o gol de letra da presença. Com ele, invadem o poema fintas magníficas dos mercadores de ilusão: Friedenrich, Bianco, Formiga..., gritos e apreensões, delírios catárticos, vitórias e derrotas. Futebol: ágil, telegráfico e harmônico como a linguagem do texto modernista. Di Cavalcanti publica em 1944 “Bola na rede”, crônica recenseando os apaixonados torcedores nas letras populistas:

*Os escritores desta cidade, em sua maioria, torceu (sic) pelo São Paulo. A lista é grande: Guilherme de Almeida (da Academia de Letras), Mário de Andrade, Antonio Candido, Alfredo Mesquita etc. etc. Mário Neme é ipiranguista. Menotti del Pic-*

<sup>1</sup> “Domingo” in: ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Ed. Crítica de Diléa Zanoto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1987.

<sup>2</sup> Apud: TONI, Flávia Camargo. *A Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.

# BOLA NA RÊDE

19-IX-44

DI CAVALCANTI

(Resposta para o DIÁRIO DA NOITE)

Leis Martins que anda sempre em polemicas de jornalismo artistico quer discutir comigo foot-ball. Sei que ele pertence, quando ainda critica a um fraco azul, ao Juvenil de São Cristovam. É uma crasiencial bem fraca.

O autor de romances LAPA acha que minha critica ao Palmeiras é falha, porque eu considere a parilha Juazeiro-Caleira fraco. De fato, acho-se fraco, mas é evidente, em relação a outros jogadores de quadras de primeira agua. Se domingo tudo corria mais ou menos bem para eles, foi porque a Rinha Gloriosa de São Paulo andou mal.



O escritor MARIO DE ANDRADE torcendo domingo no Estádio

Georg, Og e Valdemar realizaram jogo muito melhor do que os outros campeonos. Afinal de contas as minhas discussões com o Leis Martins são debilmente inconsequentes. Para São-Maria. As torcidas são torcidas e cabendo de glorias.

Os escritores desta cidade, em sua maioria, torcem pelo São Paulo e São e grande: —Guilherme de Almeida (da Academia de Letras), Mario de Andrade, Antonio Candido, Alfredo Mesquita etc. etc. Mario Nogueira é exceção. Manoel dos Fichas, Cândido Costa Filho e Mario Urmaselli etc. do Palmeiras. Oivaldo Andrade e Cale Prado Junior torcem pelo Corinthians. Tito Batista é do S. P. E. Manfredo Leblele só vai a foot-ball de Varzea.

Quando uma gente se reúne em sociedade celebram em sessões divertidas. Até já pensei em organizar um campeonato entre essas sessões de torcidas intelectuais banderantes para ver qual delas descobriria melhor uma parilha de bobos papéris breves. A não ser o sr. Oivaldo Andrade, com seu estilo tão escurrido e burro, ganharia a toça. Outro candidato seria seria o sr. José Theiller, o esplendido romanista de "Lendas de Jaguar".

O interesse dos torcedores pelo foot-ball demonstra claramente como esse esporte é popular. Certo-se de foot-ball de todos os mundos, os pontos ficam em torcer por este ou aquele clube de futebol. É impossível não ter um jogo torcedor para o futebol, os que torcem: "Torça para o São Paulo ganhar, então para a sua torcida de hoje ganhar, porque a "torcida" é uma torcida..."

*chia, Candido Mota Filho e Mário Guastini são do Palmeiras. Oswald Andrade e Caio Prado Lobato só vai a foot-ball de Várzea.*

*Quando essa gente se reúne sai discussão calorosa em estilos diversos. Até já pensei em organizar um campeonato entre esses ases da torcida intelectual bandeirante, para ver qual deles descreveria melhor uma partida do nobre esporte bretão. A meu ver o Sr. Oswald Andrade, com seu estilo tão escorreito e livre, ganharia a taça (...)<sup>3</sup>*

É de Oswald aquele conciso poema em que ele relaciona as vitórias (e a derrota “injusta” na cidade francesa de Sète) do time paulistano, na brilhante excursão pela Europa, em 1925, representando o Brasil, e ganhando já no primeiro “match” de 7 a 2 do time francês. O futebol brasileiro (paulista) passa, desde então, a ser respeitado e recebe a homenagem do poeta do *Pau Brasil*:

*A Europa curvou-se ante o Brasil*

*7 a 2*

*3 a 1*

*A injustiça de Cette*

*4 a 0*

*2 a 1*

*2 a 0*

*3 a 1*

*E meia dúzia na cabeça dos portugueses<sup>4</sup>*

Antônio de Alcântara Machado, criador de uma prosa elíptica e elegante, publica em *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927) o conto “Corinthians (2) Vs. Palestra (1)”. Crônica esportiva e crônica de uma paixão, trazendo o “*delírio futebolístico no Parque Antartica*”.<sup>5</sup> A trama se desenrola no duplo espaço do combate esportivo: na torcida e no campo. Entremeado de “gritos de guerra” e de sonoras interjeições das vinte mil pessoas que se espremem na arquibancada, escutamos o diálogo de Miquelina e Iolanda, torcendo e interferindo no resultado do

<sup>3</sup> DI CAVALCANTI. “Bola na rede”, *Diário da Noite*, 19.set.1944, Série Recortes Mário de Andrade, Pasta nº 32.

<sup>4</sup> ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

<sup>5</sup> MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistanas*. São Paulo: EDUSP/Itatiaia, 1988.

jogo. No campo, o jogador enamorado Baigio atende aos secretos apelos da amada e leva o próprio time à derrota: “- *Palestra levou na testa!*” Fatalidade.

Na obra de Mário de Andrade, o futebol deixa traços definidores. Na poesia, encontramos flashes datados e circunstâncias que a revisão acurada do escritor vai suprimir no momento da publicação em livro. Em 1924, por exemplo, o poeta envia para a pintora Anita Malfatti, em Paris, alguns poemas. Entre eles, o primeiro de *Losango Cáqui*, que na edição perderá dois versos:

*Os cariocas perderam o match  
Quatro a um  
Urrah, paulistas!*<sup>6</sup>

“Franzina”, uma vez publicado na revista italiana de São Paulo, *La Paga*, ficará guardado entre os recortes de jornais<sup>7</sup>, certamente considerado pelo autor como poema menor. Entretanto, “Franzina” é composição instigante, onde a euforia da torcida acaba por unir o rapaz à moça. A memória recupera o instante, confunde fiapos da realidade e do desejo. No poema, o passado recebe a comoção que mistura amor e tortura, os amantes insulados na multidão:

*Os dois apaixonados pelo jogo.  
Por nós.*

O êxtase do gol, comparado ao prazer do encontro e ao inebriante toque subreptício. Mergulhados na lembrança, na névoa londrina de organdi, o frágil corpo feminino e o viril gol de Friedenrich (o mulato dos prodígios, artista do futebol) se confundem. Parque Antártica, APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), Paulistano (Clube Atlético Paulistano), Bianco, Formiga, Mário (Andrade - “Xará maravilhoso” do escritor), prendem-se ao historicamente datado.<sup>8</sup> A torcedora, asa voluptuosa, é memória e encantamento. Tudo é fruição da lembrança,

<sup>6</sup> Anexo à carta de Mário de Andrade a Anita Malfatti, 02 jun. [1924] in: ANDRADE, Mário de. *Cartas a Anita Malfatti*. São Paulo: Forense Universitária, 1989.

<sup>7</sup> Série Recortes Mário de Andrade. IEB/USP, Pasta nº 35.

<sup>8</sup> Sobre o futebol, ver CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial - Memória do futebol brasileiro (1894 - 1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

ROSENFELD, Anatol. “O futebol no Brasil”. In: *Argumento* nº 4, Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.

marcada por uma plasticidade viva e intensa como a tela de André Lhote, “O futebol”, que Mário adquire em 1924, trazida de Paris por Tarsila do Amaral.

FRANZINA

Mário de Andrade

*Franzina,  
Estrangeira, londrina,  
Sobre os ombros a névoa do organdi ...  
Reaparecida em minha sensação!*

*Estávamos os dois quasi juntos, juntinhos,  
Povo  
Parque Antarctica  
Insulados na multidão erva do campo indiferente,  
Era gostoso estar assim unidos  
esquecidos...*

*Qual o teu nome? o meu?  
Seguindo a bola.*

*Campeonato.*

*APEA*

*Taça*

*Os dois apaixonados pelo jogo.  
Por nós.*

*Falta muito?*

*- Dez Minutos.*

*- Meu Deus!*

*- É agora!*

*E foi. Bianco avançou demais; Guariba... não; Netinho centrou; Mário caiu, mas Formiga emendou e a bola ...*

*Friedenrich!*

*Goal!*

*Delírio-vinho!*

*As Grandes Dionistacas!*

*Elaphebolion em Dezembro!*

*Alle-goak, goak, goak! ...*

*Olhaste-me brasileira*

*Paulistano*

*Com duas lágrimas nas hortências dos teus olhos;*

*E teu ombro apoiou-se no meu peito de rapaz ...*

*Asa de pomba! asa de pomba de organdi! ...*

*Franzina,*

*Reapareces-me agora na lembrança,*

*Doce como a pálpebra que se fecha para o sonho ...*

*Ai! saudade de amor!*

*Ai! sublime tortura!*

*Ai! memória de peito comovido*

*Onde pousa macia uma asa de mulher! ...*